A pandemia trouxe a descoberto algumas fraquezas do Serviço Regional de Saúde e a continuada falta de recursos humanos

O Presidente da Secção Regional da Ordem dos Enfermeiros defende que já devia estar a funcionar a figura do Enfermeiro de Família, uma promessa não cumprida. Em relação ao novo coronavírus, sem se falar na doença, mas sim do que trouxe a descoberto, nomeadamente algumas fraquezas do nosso Sistema Regional de Saúde e, numa análise pormenorizada, fica claro que há uma necessidade de repensarmos algumas questões, sendo que uma delas prende-se efectivamente com os recursos humanos, no caso específico da Enfermagem. No entender de Pedro Soares, o próximo secretário da Saúde terá de ter presente o conceito de decisão assertiva, a resolução dos problemas no presente e a importância da comunicação com os parceiros.

Atlântico Expresso: Há cerca de dois anos foi prometido pelo executivo Açoriano criar nos Açores a figura do Enfermeiro de Família! Tal não aconteceu. Em que medida isso melhoraria os cuidados de saúde prestados aos Açorianos?

Pedro Soares (Presidente da Secção Regional da Ordem dos Enfermeiros) - Esta ausência do Enfermeiro de Família é um assunto levantado nos Açores em termos políticos em 2009 pelo CDS-PP que chegou a apresentar um Projeto de Decreto Legislativo Regional que visava a criação do Enfermeiro de Família no Serviço Regional de Saúde, situação esta que depois não foi aprovada em Assembleia. É preciso que se entenda, de uma vez por todas, a importância da aposta nos cuidados de saúde primários, com vantagens no atendimento à nossa população com qualidade e proximidade, assim como, a nível económico. Esta maior acessibilidade e responsabilização dos cuidados pretendia-se que fosse feito o desenvolvimento do Sistema Regional de Saúde.

Apostar na figura do Enfermeiro de Família, é perceber que teremos cuidados centrados na família como um todo, assim como nos seus membros individualmente, potenciaríamos as forças, os recursos e competências da família. Tem como finalidade a capacitação da família a partir da maximização do seu potencial de saúde, ajudando os seus elementos a serem proactivos no tratamento e aumentação da saúde. Promove igualmente um apoio fundamental às famílias que têm no seu domicílio doentes ou pessoas com algum grau de dependência ou incapacidade, de uma forma ainda mais personalizada que a atual.

Este reorientar dos cuidados das unidades de saúde para a comunidade, irá corresponder a uma significativa racionalização de custos e a maiores ganhos em saúde. Esta mudança terá, com certeza, um pequeno custo para o Serviço Regional de Saúde, mas um grande ganho para a saúde dos Açorianos

Defende-se que é fundamental reforçar o quadro de enfermeiros, de saúde e dos lares de idosos com apoio da enfermagem? Qual o cenário actual?

Principalmente nos tempos que vivemos, ficaram a descoberto algumas fraquezas do nosso Sistema Regional de Saúde e, numa análise pormenorizada, fica claro que há uma necessidade de repensarmos algumas questões, sendo que uma delas prende-se efectivamente com os recursos humanos, no caso específico da Enfermagem.

Devemos distinguir as duas realidades que, quando apresenta, por um lado temos as unidades de saúde com necessidade de ver reforçados os seus quadros, principalmente nas Ilhas ditas mais pequenas, vindo na sequência da pergunta anterior, ou seja, uma aposta efectiva e assertiva nos cuidados de saúde primários respeitam. Para isso, para além da vontade política, é necessário que sejam tidos em conta apostos de fixação nas ilhas mais afastadas "do centro", por exemplo. Por outro lado, a nível dos lares de idosos, há um carinho necessário a ser percorrido, normalmente na adopção efectiva na Rapid dão dotações seguras emanadas pela Ordem dos Enfermeiros. Não podemos ser 50 atentos, e às vezes mais, para apenas 1 Enfermeiro de serviço, assim como temos de passar a ver, de uma vez por todas, estes utentes como fazendo parte do sistema regional de saúde, sendo desta forma integrados nos planos de alguns cuidados de saúde prestados pelas unidades de saúde. Há um trabalho a ser feito entre a Saúde e a Solidariedade Social com a parceria fundamental das Instituições. Creio que desta forma iremos conseguir aumentar o número de Enfermeiros nestas últimas e, claro, com vencimentos e direitos iguais aos demais colegas, não aquilo que acontece neste momento, auferindo vencimentos abaixo do ordenado base da carreira de enfermagem. Isto é desmotivante, não pode acontecer.

Há um grande número de enfermeiros açorianos que deixaram a região para trabalhar noutros países. Paga-se para formar mas não se paga para fixar. Não acha que a região [Portugal] desperdiça seus dinheiro e recursos humanos? Já pressupôs que se hover novo "fluga" de pessoal? Como se pode contrariar esta tendência?

De facto, estamos a desperdiçar dinheiro, recursos, e enquanto Portugal não perceber que caminha em tempos mesmo a passos largos, para um sistema de saúde débil, em ruptura, com cada vez menos mão-de-obra, estaremos muito mal de futuro. É preciso que as pessoas percebam que a nível mundial os Enfermeiros portugueses são bons como de excelência, são remunerados condignamente com as suas responsabilidades, têm outras oportunidades que cá não existem. Em Portugal, os Enfermeiros são destratados, bate-se palmas quando a situação aperta, chama-se de selvagem quando passa, e tiso é um claro convite à emigração. Contrariamos isto com uma coisa simples chamada justiça em relação às demais carreiras.

A Ordem reivindicava igualdade nas difíceis roturas realizadas contratuais dos Enfermeiros em contrato individual de trabalho nos Açores. Esta situação está resolvida ou ainda continua em aberto?

Esta situação não está resolvida, porque simplesmente crises-se uma coisa e fazem-se outras do assunto, com medidas resolvidas em cima do joelho e que poderão criar assimetrias entre as diferentes realidades contratuais injustas e ilegais. Apesar deste ser um assunto de índole sindical, não podíamos fazer indiferentes, principalmente no que confere à dignidade profissional que esta situação fere. Agandamos que a nova tutela regional tenha este assunto em agenda e que o mesmo seja resolvido o mais rapidamente possível.

Há relatos de que em tempo de pandemia no Hospital do Divino Espírito Santo de Ponta Delgada há enfermeiros que trabalham mais de 180 horas extraordinárias por mês. Corresponde à verdade? Qual a situação nos restantes hospitais?

Chega-nos informação dessa situação, em especial nas unidades que dão apoio direto ao combate à COVID-19. De forma generalizada, há uma enorme solicitação sobre os Enfermeiros em termos de horas extraordinárias, já o era antes da pandemia, quanto mais agora.

A situação atual é generalizada e, em algumas situações, muito difícil, com exigências em termos de horário muito altas e sem hipóteses de melhoarem em breve. Agora, cabe resolver que infelizmente se recorre a situações menos claras para a sua resolução. Falo do programa de empregabilidade Estagiar 21, que, para além de ser uma afronta aos Enfermeiros, está a ser canalizado para aspirinar falta de pessoal. Temos todos de perceber, de uma vez por todas, que neste programa o Enfermeiro recebe de remuneração menos 500€ que os seus colegas e em muitas situações faz as mesmas funções, ou seja, não são respeitadas as prerrisias deste programa onde, por exemplo, um Enfermeiro não tem grande autonomia nas suas funções. Ora, para uma Região como a nossa com falta de mão-de-obra, estamos aqui a simplesmente não aproveitar um recurso na totalidade e, para além disso, a incorrer numa ilegalidade.

Com a pandemia da Covid-19, a atenção dada a muitas outras doenças foi negligenciada, como é bastas vezes dito, e muitos doentes ficaram para trás. A Ordem tem alguma estratégia para ajudar a comprar este quadro?

A palavra negligência julgo ser um pouco forte para a situação, eu prefiro falar de uma desorganização no que aos utentes não covid diz respeito, assim como o receio destes em entrar às unidades de saúde e com isto a assistência saiu severamente prejudicada. Principalmente nesta fase atual que vivemos, com a curva ascendente nos Açores em termos de contágio, e dada a estrutura do nosso Sistema Regional de Saúde, complica-se a assistência aos utentes não covid. No entanto, estamos a terminar a elaboração de um documento com a visão estratégica da Ordem dos Enfermeiros dos Açores, daquilo que julgamos necessário levar a cabo no imediato, e nesse documento alertamos para a necessidade de investimento na reorganização imediata dos circuitos não Covid do nosso sistema de saúde, com recuperação de situação urgentes.

A Ordem dos Enfermeiros iniciou em Setembro um conjunto de visitas a várias Instituições de saúde dos Açores. Em comum, quais os pontos positivos e quais os negativos?

Um dos nossos pressupostos deste mandato prende-se com a proximidade no terreno aos Enfermeiros e à nossa população. Defendo que temos de sentir o pulso das nossas Instituições para que criemos sinergias na melhoria dos cuidados prestados e das condições oferecidas tanto aos utentes como aos Enfermeiros.

Do lado da Ordem dos Enfermeiros já foram desenvolvidos instrumentos de avaliação e controlada uma equipa de trabalho especializada nesta tarefa, que se tem dedicado fortemente a garantir que há um real conhecimento dos cuidados prestados a esta população mais vulnerável.

Dado a situação atual, tem sido difícil implementar estas visitas como tínhamos planeado, no entanto já dea para perceber que existem grandes assimetrias de ilha para ilha, no que da organização institucional diz respeito, e este é para mim o ponto negativo e sabe-o qual termos de agir rapidamente.

A falta de profissionais de saúde é evidente, bastando um atestado para se ver alterada toda uma programação. Encontramos ainda infraestruturas antigas, algumas obsoletas, a grande racionamento de material clínico.

O grande ponto positivo, a meu ver, são mesmo os profissionais de saúde em si, que fazem as coisas acontecerem, apesar das condições que lhes são oferecidas.

Há muitas situações que são ultrapassadas pela insistência e capacidade de adaptação dos Enfermeiros.

Qual o retorno da enfermagem nas ilhas de menor dimensão?

Dado o alistamento destas realidades em relação às ditas ilhas maiores, note-se que falamos de equipas pequenas de 20 a 30 Enfermeiros, e estes colegas tentam colocar no terreno todos os cuidados necessários à população, tentam-se proporcionar cuidados idênticos a qualquer outro açoriano. A questão é que com recursos humanos limitados não é possível desenvolvermos todas as áreas possíveis, especialmente em cuidados de saúde preventiva, o julgo que é aqui que terem de repensar a estratégia regional e perceber a mais viável em todo a escala de uma correcta aposta no reforço destas regiões.

Os Enfermeiros destas ilhas referem por diversas vezes que se sentem esquecidos, sozinhos por parte do Sistema Regional de Saúde, e é isso que enquanto Ordem também iremos combater diariamente.

Como Presidente da Ordem nos Açores, e fazendo uma triagem, quais são as principais reivindicações dos enfermeiros nesta altura?

Respeito sério e honesto, não fingido. As pessoas estão cansadas da palavra reivindicação em Portugal, os Enfermeiros estão cansados do tratamento que têm.

Se formos a ver, não está finalizado o processo nos Açores da recuperação do tempo de serviço, ainda em Portugal cada região faz a sua maneira, não parecendo o mesmo país. É preciso também que os Enfermeiros em Contrato a tempo indeterminado vejam a sua situação resolvida de uma vez por todas, e sem assimetrias. Eu devo dizer que nos Açores há Enfermeiros mais novos na carreira, que ganham mais em termos de salário base que alguns mais velhos, isto é ilegal e ilegal.

E importante avançarmos para a implementação do Enfermeiro de Família, terminar o programa Estagiar 1, para Enfermeiros e rever alguma legislação regional referente a algumas áreas de actuação dos Enfermeiros, estamos já a preparar algumas propostas nessa matéria.

Sendo uma profissão de atualização formativa constante, esta deverá ser olhada com outros olhos, ao contrário do que acontece até agora. Resumindo, são vários situações, algumas mais fáceis de que outras em termos de resolução, mas possíveis.

“O novo dono da pasta da Saúde terá de ter a humildade de ouvir os parceiros, conhecer e sentir o terreno antes de depois decidir”

Acha que a Covid-19 veio colocar a nú a verdade na Saúde nos Açores? Porquê?

Talvez para o cidadão comum e para os mais desatentos. Há muito tempo que se percebia muitas das falhas no Sistema Regional de Saúde: as listas de espera a crescer menualmente, a falta de recursos humanos, a falta de investimento em algumas estruturas físicas e equipamentos, assim como a necessidade de repensar o sistema como um todo e consegui-se tomar medidas no sentido de o desenvolver, de o actualizar. Não foi fácil no passado recente dada a situação económica da Região, de País, não será fácil no futuro, mas tem de ser feito.

Eu costumo dizer que a COVID-19 trouxe algumas coisas menos mas, uma foi a oportunidade de mudanças, a oportunidade de percebermos onde as coisas estão a falhar, e corrigir.

O que espera do próximo secretário da Saúde?

Este é um tempo muito difícil para todos, e o próximo dono da pasta terá de ter a humildade de ouvir os parceiros da Saúde, conhecer e sentir o terreno, e depois decidir.

Quem agora chega, recebe duas realidades complicadas de gerir, por um lado uma estrutura de combate à pandemia enfraquecida, gasta, por outro, um sistema de saúde deficitário, com necessidade de rearmação, em especial devido a consequências pandémicas.

O próximo Secretário terá de ter presente o conceito de decisão assertiva, a resolução dos problemas no presente e a importância da comunicação com os parceiros.

Da parte da Ordem dos Enfermeiros, quem assumir a pasta poderá contar com uma equipa fortemente dedicada, que já demonstrou vontade e capacidade de trabalhar em conjunto com a tutela, no sentido de se conseguir ultrapassar os grandes desafios que enfrentamos!

Nélia Câmara